

RECENSÕES

RODRIGUEZ, Mauro: *Desacralización: único camino*. 148 pp., 22,2 x 14,4 cm, Editorial Herder, Barcelona (Espanha), 1974.

Após descrever a situação problemática que lhe serve de ponto de partida (cap. I) e precisar os termos sacralização e dessacralização (cap. II), o autor analisa quatro campos da vida eclesial em que se impôs no decorrer dos séculos uma pseudo-sacralização: a liturgia (cap. III), a autoridade (cap. IV), a sexualidade (matrimônio - celibato) (cap. V), a vida religiosa (cap. VI). Em cada um desses capítulos são tratados quatro pontos. No primeiro o autor descreve o fenómeno de uma sacralização existente primitivamente no respectivo setor, detendo-se em especial no AT. A seguir (ponto 2) mostra como o Cristianismo dessacralizou o âmbito em questão que, no entanto, voltou a ser sacralizado num sincretismo proveniente da simbiose do Cristianismo com situações culturais, sociais, políticas etc. (ponto 3). Por fim, num quarto ponto, o autor tece reflexões sobre a crise atual em cada um dos setores tratados. Os cap. VII e VIII tem caráter conclusivo.

O livro é escrito com paixão e

parece refletir uma problemática muito pessoal do autor, como homem "de duas épocas antagónicas" (16; veja a repetida alusão aos que - como ele - tem mais de 40 anos: 16, 44, 65). Dentro dessa atmosfera de quem se liberta apaixonadamente de um jugo que o oprimia, explica-se o estilo polêmico e apaixonado assumido especialmente pelo terceiro ponto dos capítulos III a VI. Mas esse mesmo zelo de "convertido" não lhe permite objetividade. O passado é só visto negativamente, mesmo que a custo de generalizações apressadas e julgamentos globais por vezes injustos.

Não falta uma ironia às vezes ferina (exemplo ao acaso: 71, nota 5). Não faltam afirmações que se gostaria de ver seriamente comprovadas (Alguns exemplos esparsos: Quem ensinou que a graça santificante se suspendia durante a excitação erótica dos esposos cristãos? E onde? «95». A frase de Pio XI citada à p. 99 refere-se realmente ao celibato? O recenseador não conseguiu encontrar, no lugar mencionado

à p. 42, que o Concílio de Trento tivesse afirmado que as faltas pequenas no clero seriam pecados gravíssimos). Outras afirmações são abusivas (exemplos ao acaso: não se pode dizer que a designação "sacramento da ordem" provenha de um "espírito de disciplina estruturado no culto à ordem e a unidade" «66; cf.

SacrM IV 1249-1251, na edição alemã»; o hino de Completas foi totalmente refundido na nova "liturgia Horarum": já não se cantam os versos criticados à p. 96; o fato de o seguimento da vida religiosa ser explicável por fenômenos sócio-religiosos não lhe tira o caráter de "vocação" «contra o que diz na p. 128s». Os exemplos e as perguntas poderiam multiplicar-se. Em geral se deve dizer que em toda a crítica do ponto 3 dos diversos capítulos centrais falta perspectiva histórica para compreender a posição no seu tempo. E o autor cai assim - sem querer - num relativismo a-histórico, justamente porque rompe com o passado (exemplo típico é a falta de compreensão para o caráter no sacramento da ordem «53, 76s»).

Quanto à tese central (embora o autor não pretenda ter tese «cf. 17», o próprio título é uma verdadeira e eloquente tese!): O recensor julga que o problema analisado não é solucionável na base do dilema sacralização-dessacralização, nem em optar pelo segundo membro da alternativa como "único caminho". É preciso ir mais à raiz do problema e reconhecer que "sagrado-profano" ou "sacral-profano" são categorias válidas em outras civilizações, mas insuficientes hoje. Como conseqüência devem ser abandonadas por não serem mais adequadas para abarcar e expressar a revelação cristã de forma acessível ao homem da idade técnica. Mas não se deve levar em consideração também a cultura e a religiosidade populares, hoje tão revalorizadas na teologia latino-americana? E o autor parece ser sacerdote salesiano, se não nascido, pelo menos radicado no México, e ter trabalhado entre populações indígenas. Levar a sério a problemática da religiosidade popular teria dado à obra bem outra feição.

Francisco Taborda

SPARTA, Francisco: **A Dança de Davi** (A Religiosidade Popular dos Santuários Paulistas). 132pp. com ilustr., 21 x 14 cm, Edições Loyola, São Paulo, SP, 1975.

Francisco Sparta, sacerdote jesuíta italiano, há muitos anos no Brasil, após estar na África, principalmente no Zâmbia, estudando as religiões africanas, é também autor do livro "A Dança

dos Orixás" (veja recensão em Perspectiva Teológica, nº 4, 1971, p. 48).

Sparta volta agora a estudar especificamente a religiosidade popular nos santuários paulistas. O autor escolhe o tema religiosidade popular nos santuários urbanos. Há um capítulo (7) que constitui para o autor exceção. São breves referências ao santuário de Aparecida que o A. considera como um santuário rural.

A obra nasceu dos cursos que o A. deu ao clero das diferentes regiões da arquidiocese de São Paulo em 1972. A finalidade destes cursos e estudos em conjunto com o clero, e assim da obra, é a de "fundamentar futuras diretrizes, a nível arquidiocesano e nacional" (p. 9).

Divide-se a obra em duas grandes partes. A primeira, sob o título de "Santuários atuais", relata os levantamentos feitos pelo autor em cinco santuários paulistanos, nas regiões Sul, Oeste, Centro, Norte e Leste. A segunda, sob o título "Os Santuários do Futuro", traz a colaboração, sob forma de discussão, do clero, com algumas considerações do autor juntamente com o seu relatório ao Conselho Presbiteral de São Paulo.

O tema tratado pelo autor é apaixonante enquanto constitui hoje um desafio à pastoral.

De um lado temos os que advo- gam a supressão dos santuá-

rios; paulatinamente ou imediatamente. Isto porque vêem neles a confirmação plena de que a "religião é o ópio do povo". Trata-se de uma posição intelectualista, elitista, ilustrada. Do outro lado temos os que encontram nos santuários, sem negar suas ambigüidades, a expressão de uma verdadeira fé cristã, expressão que deve ser evangelizada, mas com respeito a seus próprios valores culturais.

Este embate de posições percebe-se claramente na segunda parte da obra quando, p. ex., um dos participantes do curso afirma que "tudo aquilo não firma a fé. Temos tantas outras coisas mais interessantes na teologia" (p. 107) e já outro vê a necessidade de uma "boa teologia para valorizar as considerações mais simples do povo, para compreender e salientar inclusive o valor teológico de uma vela acesa". (p. 113).

O A. mesmo vê-se enredado nestas duas posições, não conseguindo se definir claramente. Assim o autor às vezes se situa na posição que chamaríamos progressista ilustrada. Transparece, p. ex., quando ressalta em demasia a necessidade de ordem e eficiência (pgs. 63, 67, 75), de um manual de devoções, "redigido por homens modernos em estilo moderno e dirigido a homens modernos" (p. 62). Pergunta-se: O que se entende por homens modernos? Estilo Moderno? Talvez o estilo do Catecismo Holan-

dês, ou os textos do concílio tenham um estilo moderno?! Schillebeeckx pode ser um homem moderno (cfr. p. 66). Para um povo com uma história diferente, com uma cultura diferente o que isso pode dizer? Não será prolongar a dominação cultural do "centro" sobre a "periferia" desrespeitando e ignorando a linguagem muito própria e muito singular do povo? Esta posição atinge o ponto máximo quando o A. afirma que as reformas "Têm que ser planejadas, partindo do alto mais do que da base..." (p. 63).

Outras vezes, o A. se situa já muito mais numa posição de maior valorização do popular, embora um pouco timidamente, como, p. ex., quando observa num santuário que "a originalidade das mulheres e homens de cor não exultava numa canalização adequada, não conseguia se libertar do recalque com que a devoção branca a castigava" (p. 38), quando ainda, falando do Santuário da Freguesia do Ô, afirma que a devoção ao bem-aventurado escravo africano, S. Antônio de Categeró, "tem um grande valor psicológico e nacional" (p. 39).

O A. na introdução afirma que procurou manter a "frieza laical, sem parcialidade e compaixão"

(p. 11). O A. não a manteve simplesmente porque esta "frieza laical" ou neutralidade científica não existe. Pelo menos é muito questionável. Pois todo discurso é feito de um lugar. E é este lugar que definirá o discurso. Este lugar não é definido pelo A. Assim fica aberta a grande questão: E o povo? O que ele pensa? O que ele vê? O que ele expressa nos seus símbolos? No seu discurso? Trata-se de um outro discurso que para nós continua esquecido e por isto "supersticioso", "primitivo", "não civilizado". O A. chega a apontar uma possível saída: participar com o povo (p. 71). Mas só aponta...

A obra é válida enquanto ponto de partida possível. Válida enquanto abre perspectivas para uma re-leitura a partir do lugar do Outro. Do "Outro" que vai ao Santuário Santa Cruz dos Enforcados, mesmo que seja uma capela de visão terrível (cf. p. 45), de "abóbada denegrada" (p. 44). É válida enquanto aponta pistas para transformar os santuários em pontos de "transformação humana do Brasil (...) quando se tornarem, conjugadamente, os santuários da religião do espírito da verdade e da justiça" (p. 92).

Inácio Neutzling

FERNANDEZ DE LA CIGONA, José Ramón, S.J.: *Oração e Libertação. Exercícios Espirituais para o Homem de hoje*. 176 pp., 21 x 14 cm., Edições Loyola, São Paulo, 1976.

O subtítulo já indica claramente o conteúdo do livro. Trata-se de uma explanação dos Exercícios de Santo Inácio numa linguagem atual. E, como é natural, são acrescentados alguns elementos que não se encontram no livro do Santo, a fim de fazê-lo mais compreensível. Assim, por exemplo, F. de la CIGONA coloca uma "preparação para a primeira etapa" (ou "primeira semana" na linguagem inaciana), com oito meditações que precedem o "Princípio e Fundamento" dos Exercícios. Dessa forma, espera conduzir o exercitante até o ponto em que possa enfrentar-se seriamente com a própria vida. De fato, hoje não se podem supor etapas na vida espiritual. A cultura não está mais impregnada de um saber teológico, como nos tempos de Santo Inácio e é necessário caminhar passo a passo.

O livro contém, na realidade, apenas a matéria relativa à primeira e segunda semanas dos Exercícios inacianos. Aliás, da segunda semana só se avança até o momento da eleição. Faltam todas as meditações sobre a vida de Cristo (final da segunda; terceira e quarta semanas), que devem produzir no exercitante não só a confirmação da eleição, mas também a atitude de intimidade com Cristo. Suponho que José

Ramón nos dará ainda, num novo volume essas meditações.

O método pelo autor é um método pedagógico, que facilita a experiência pessoal do exercitante, sem necessidade de ter que receber, cada dia, oralmente, da boca de um pregador, a matéria da meditação. O livro, porém, não dispensa, antes supõe a direção espiritual de quem quer realmente "exercitar-se" espiritualmente. E isto é lembrado, com suavidade, mas com insistência, ao longo das suas páginas. Nas meditações, vão entreverando-se os textos bíblicos com os inacianos e com algumas breves considerações do autor. O sublinhado de certas palavras-chave será, sem dúvida, de grande valor para a compreensão e a meditação dos textos apresentados. Mas creio que ainda assim não vai ser fácil, para o homem da rua, penetrar no verdadeiro sentido de alguns trechos dos profetas do Antigo Testamento ou mesmo do livrinho de Santo Inácio. Não teria sido conveniente esmiuçá-los um pouco? Ou, pelo menos, indicar alguma leitura complementar. Tenha-se presente que o tipo de exercitante que F. de la CIGONA supõe não é aquele que está em contato diário com o seu diretor espiritual, mas que só se encontra esporadicamente com ele.

Mais do que para uma expe-

riência feita em particular - tal como o autor supõe -, creio que o livro em questão poderá servir para dirigir certos encontros de jovens ou mesmo retiros, no sentido estrito da palavra. A sua linguagem direta, clara, sem rodeios, vai atrair certamente a atenção e captar o interesse de quem o tomar nas mãos.

Espero que José Ramón nos dê

num breve prazo um novo volume, embora não prometido ainda por ele, para completar *Oração e Libertação*: um volume onde o Cristo, o verdadeiro Mestre da oração e mais autêntico Libertador apareça sob os traços da figura que está descrita na última meditação deste primeiro volume: o Amigo!

Jesús Hortal, S.J.

ARBELOA, Victor Manuel: *Aquella España Católica* (Materiales nº 11). 376 pp., 21,5 x 13 cm. Ediciones Sígueme, Salamanca (Espanha) 1975.

Um livro que encaixa muito bem na coleção em que foi incluído: "Materiais". Porque não é um estudo académico e sistemático do catolicismo espanhol do século XX, mas apenas uma coleção de materiais para esse estudo. Isso sim, o acúmulo de elementos heterogêneos e, por vezes, repetitivos, não produz cansaço no leitor, porque foram incluídos numa narrativa ágil, pontuada por breves comentários, expressões irônicas e olhadas sobre o futuro.

No momento atual, quando na Espanha se processa uma mudança acelerada (talvez a mais acelerada de toda a sua história), o livro de ARBELOA pode ajudar a interpretar a posição de um elemento chave na estagnação ou na mudança do povo espanhol: a Igreja católica. Para bem ou para mal, a Igreja marcou e ainda continuará a marcar a evo-

lução da Península Ibérica. A guerra civil de 1936/39 teve um forte caráter religioso, que legou maciçamente aos dois primeiros decênios do franquismo. ARBELOA, sacerdote e basco, pertence a uma geração que foi educada numa concepção onde a religião se sobrepunha à política. Uma boa parte dessa geração reagiu posteriormente, lançando-se a um revisionismo quase total, acuada por um certo sentimento de frustração e de culpa: de frustração porque o "império" e a "cristandade" prometidos não chegaram nunca; de culpa, porque se sentiam solidários com essa Igreja sacramentalizadora do profano. É uma geração que não fez a guerra, mas que viveu as suas consequências; que não chegou a protagonizar o Concílio, mas que se proclamou o seu intérprete autêntico. Uma gera-

ção que, ao menos em parte, sucumbiu à tentação de sobrepor o político ao religioso. Talvez não seja a geração mais apta a avaliar com serenidade uma época que lhe é tão próxima. Mas é uma geração que precisa refletir sobre os acontecimentos que eles e seus pais viveram, porque hoje não é mais possível parar para tomar fôlego: enquanto paramos, a vida passa.

Embora não as sistematize em nenhum lugar, ARBELOA manifesta neste livro duas tendências básicas: separação entre a Igreja e o Estado, e orientação política socialista. Para apoiar a sua primeira tese, parte de um escritor muito pouco conhecido pelos espanhóis de menos de cinquenta anos: Jaime Torrubiano. Chocando-se com a hierarquia católica espanhola, até o ponto de ser excomungado, Torrubiano teve, sem dúvida, certas intuições claras do futuro. Mas lhe faltou a serenidade necessária para uma retificação de certos excessos saídos da sua pena e para ver a instrumentalização que do seu nome e dos seus escritos faziam os que não se interessavam precisamente pela purificação da Igreja. Também ARBELOA não soube ou não quis separar em Torrubiano a ganga do metal nobre. Fez dele como que um santo secularizante, martirizado pelo clericalismo. Será essa uma imagem autêntica?

A separação entre a Igreja e o Estado e também almejada por

ARBELOA como efeito de uma constatação sociológica: contra o que se poderia deduzir de uma observação superficial, Espanha não é, no fundo, um país católico. Faltam, desde faz muito tempo, profundidade na fé e consequência na vivência cristã. A triste história de uma Igreja acomodada quando não é perseguida parece exigir um caminho claro a seguir: a separação das duas esferas, que possibilite uma atitude constante de confronto entre a Igreja e o mundo. Mas não se pense que o autor desenvolva esta tese de modo nítido. Acumula apenas opiniões, estatísticas, citações, para que o leitor carregue com a responsabilidade das consequências. Pedagogicamente, o método é excelente, mas caberia perguntar sobre o modo concreto de realizar a meta proposta. ARBELOA parece apontar para um certo gradualismo, pois chega a falar de uma série de "modus vivendi", que substituiriam a concordata num primeiro momento. O seu pensamento, porém, fica incompleto e, até certo ponto, é desconcertante.

Mais difícil de julgar é o socialismo que o livro propugna. Porque entre um sem número de ambigüidades, de insinuações, de citações truncadas, ARBELOA não enfrenta decididamente o problema fundamental: até que ponto a ideologia e a práxis marxistas se encontram ou não indissoluvelmente unidas com uma concepção materialista, incom-

patível com o cristianismo. Não adianta louvar o espírito de modernidade de uma corrente política, se não se procura penetrar no seu bojo e compreender as raízes da sua ideologia. A verdade é que o autor não fala de um socialismo qualquer, mas manifesta claramente a sua preferência pelo Partido Socialista Operário Espanhol, do qual o seu secretário geral atual declara abertamente

ser nitidamente marxista.

O livro em questão é uma boa base para um estudo posterior. Mas, para que esse estudo seja mais pleno e objetivo precisará ser feito por gerações posteriores, que consigam colocar um pouco menos de paixão na época da história da Espanha que nos tocou viver.

Jesús Hortal, S.J.

BAUSCH, William J.: Es el Señor! Pecado y Confesión hoy (Colección Mundo Nuevo 34). Tradução castelhana do original norte-americano por José Antonio Benito. 192 pp., 19,3 x 13 cm. Editorial "Sal Terrae", Santander (Espanha), 1975.

Eis um livrinho magnífico a ser recomendado para todos, especialmente pastores, catequistas, pais e mães cristãos, enfim, todos que queiram receber e transmitir uma visão renovada do quarto sacramento. O autor procura e consegue com grande proficiência dar uma visão personalista do pecado e da confissão, tendo em vista corrigir o legalismo corriqueiro tão espalhado entre os católicos. Os seis primeiros capítulos são dedicados a explicar o pecado e a vida moral numa perspectiva personalista a partir dos conceitos de amizade e rompimento da amizade. Os seis outros introduzem na teologia e na prática do sacramento da Penitência visto como reconciliação com o

Amigo, volta à comunidade, encontro com o Senhor. A nota pastoral está sempre presente, sendo de salientar as indicações do autor sobre a educação correta da criança e do adolescente em vista de uma noção cristã de pecado e uma vivência profunda do perdão. No final há três apêndices: o primeiro ("celebração de confissões comunitárias") está superado pelo aparecimento do novo "Ordo Paenitentiae" (assim também está desatualizado o que se diz às pp. 117ss e 147ss; a absolvição, quando há acusação particular dos pecados, já não será em comum, ao contrário do que sugere a p. 119); o segundo apêndice traz exemplos de exame de consciência; o terceiro,

pontos de discussão para um estudo do sacramento da Reconciliação a partir do livro.

Não obstante a calorosa recomendação que o livro merece, cabem algumas observações críticas. O autor não desenvolve suficientemente a **mediação social** do pecado(só algo na p. 121) e, por isso, para estabelecer a **necessidade da confissão sacramental** tem que evocar a vontade de Cristo e a disciplina da Igreja (98) ou recorrer ao argumento de que é uma forma mais segura e mais certa de perdão (cf. 96ss). Não obstante desenvolve mais adiante muito bem a dimensão social do sacramento da Penitência (114ss). - Acentua com razão o "ex opere operantis", mas, não explicando suficientemente o "ex opere operato", dá a impressão de relegá-lo um pouco ao plano da "magia" (107ss). Também uma boa exposição do sentido do "ex opere operato" teria colaborado com a intenção central do autor de mostrar a confissão como um encontro de amigos. - A afirmação de que Santo Inácio de

Loyola era a favor da confissão a leigos (129), não confere. O autor sem dúvida alude ao fato de S. Inácio, antes do combate de Pamplona e, portanto, antes de sua conversão e de seus estudos teológicos, ter praticado a confissão a um leigo. Nisso ele, rude cristão mediano, seguia os costumes da época. Não se tratava, pois, de opinião teológica especial do fundador dos jesuítas, como o texto deixa entender. - A nota do tradutor à p. 109s não tem razão de ser. O exemplo da alunissagem nada tem a ver com o patriotismo do autor: É um exemplo entre tantos. Tem sim um colorido norte-americano, como o tem as freqüentes alusões ao problema racial que nem por isso mereceram uma nota ou adaptação do tradutor (o que teria sido bastante indicado). - Essas observações críticas em nada desfazem o mérito da obra que voltamos a recomendar vivamente. Aliás, uma tradução brasileira adaptada seria muito de desejar.

Francisco Taborda

ALVES, Rubem: **O Enigma da Religião** (Col. Teologia/10). 170 pp., 21 x 14 cm, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, RJ, 1975.

O autor, homem de grande erudição e conhecido teólogo, é professor de Sociologia na Universidade de Campinas, presidente do Instituto Superior de Religião (ISER), tendo também

lecionado em universidades dos Estados Unidos. A obra que o tornou conhecido como teólogo e que é de referência obrigatória na teologia latino-americana é "A Theology of Human Hope", que

foi traduzida para os principais idiomas do mundo.

A presente obra é uma coletânea de artigos dos quais o primeiro dá o título. Por ser uma coletânea o trabalho sofre algumas limitações como a inevitável repetição e a necessária sequência se perde à primeira vista.

No entanto parece que esta segunda limitação desaparece em grande parte se lermos este trabalho a partir do artigo autobiográfico "Do Paraíso ao Deserto - reflexões autobiográficas" (p. 115ss).

Podemos, assim, definir o trabalho como uma conversa que "exige uma paixão infinita (Kierkegaard) por parte daqueles que dela participam" (p. 134). Pois "a verdadeira religião não está na infinitude do objeto mas antes na infinitude da paixão" (p. 27). E "paixão implica relação com a vida, com a realidade da existência pessoal" (p. 101). Mas não é esta minha existência pessoal, "não é a minha história que dá sentido à história. É a história que dá sentido à minha história" (p. 135). E esta história é a história do cativo. "Junto às águas de Babilônia nos assentamos e choramos, lembrando-nos de Sião" (Sl 137, 1). O momento não é de Êxodo. Não. "Em lugar do Êxodo, o Exílio" (p. 113) "Sentir-se cativo é recusar-se a aceitar o mundo, tal como é" (p. 136) Recusa dolorosa e triste que "só não se transforma em desespero

ou ajustamento, se em meio ao exílio, ela puder vislumbrar uma esperança de libertação. (...) Somos impotentes. Só se espera pela libertação no cativeiro, se se espera pelo impossível, pelo inesperado" (p. 136) Enfim, "não se pode viver por certezas, mas por visões, riscos e paixão" (p. 137).

Talvez tenha-se neste capítulo o necessário "acordo silencioso" de que nos fala Wittgenstein, tantas vezes citado pelo autor, para a leitura desta coletânea, deste trabalho. Trabalho que nos lança um desafio. Desafio enquanto o contexto histórico que o autor vive é o nosso. E os horizontes possibilitados por este contexto não são alentadores. Parece que só nos resta a religião. Religião "como expressão de amor e como expressão de medo" (p. 30).

Religião onde "se revela a nostalgia pelo Reino de Deus, o grande projeto utópico que a humanidade não cessa de sonhar..." (p. 54) Pois "a religião é um sonho da mente humana (Feuerbach) (p. 15), "é o suspiro da criatura oprimida" (p. 101).

É a religião que sempre continua sendo em potencial "um perigo para a ordem vigente, pois está sempre na iminência de se expressar exteriormente" (p. 114). Por ora nos resta o enquisitamento "que nos permite um eventual renascimento no futuro" (id.).

Inácio Neutzling

ASSMANN, Hugo - Reyes MATE: *Sobre la Religión - Karl Marx/Friedrich Engels*. 457 pp., 23 x 15,5 cm, Ediciones Sigueme, Salamanca, Espanha, 1974.

Durante anos vivemos a guerra fria entre o comunismo e as igrejas cristãs. De um lado vinham os anátemas; do outro as perseguições.

A situação mudou. Tomou-se consciência da complexidade do problema. Marxistas vêem que a crítica da religião não é ainda um problema resolvido. Teólogos percebem de que não se trata de uma questão esotérica, mas um problema sério que atinge a muitos cristãos. No entanto, o problema, a nível de consciência institucional e popular, continua sendo terrivelmente simplificado.

É para contribuir para o aprofundamento científico desta questão que Hugo Assmann e Reyes Mate nos oferecem esta seleção de textos de Marx e Engels.

A seleção abrange todos os textos em que os autores falam explicitamente de religião e também outros em que se fala dela, mas sem nomeá-la. Frequentemente são os mais importantes. Os textos obedecem à ordem cronológica em que foram escritos.

Hugo Assmann e Reyes Mate na introdução destacam três tipos de crítica em Marx:

1ª. filosófica: É o jovem Marx sob forte influência de Bauer e Feuerbach. É notável a importân-

cia que Marx dá ao problema religioso. Mantém-se, porém, no retoricismo abstrato.

2ª. política: Marx abre mais os horizontes. A crítica da religião tem que ser uma análise da consciência religiosa concreta, do seu fundamento social e de suas manipulações políticas.

3ª. econômica: A crítica da religião, também no Marx maduro, ocupa um lugar central. Já não mais no sentido da aliança do cristianismo com a burguesia, mas na definição da essência mesma do tipo de produção capitalista: a mercadoria. A mercadoria, na análise de Marx, é essencialmente fetichista, "religiosa".

Aqui surpreende que Marx aplique ao problema religioso o "pensamento de identidade" entre totalidade e particularidade, entre essência e fenômeno, quando precisamente tentou substituir este totalitarismo hegeliano por uma dialética entre universal e particular na hora de explicar a história e a sociedade.

A crítica de Marx atinge diversos níveis. Trata-se de uma crítica da igreja como instituição; crítica do cristianismo; crítica da religião mágica; crítica total da religião, isto é, não se refere à parte, mas ao todo.

O problema é complexo. Não será a sua complexidade que fará

com que nós nos defrontemos com ele. Certamente não se pode fazer teologia hoje, à margem da teoria marxista. Assim este trabalho sério que temos em mão pode auxiliar e iluminar a todos os que querem fazer uma verdadeira teologia, ainda mais uma teologia latino-americana.

A Editora no prólogo desta edição comunica que o presente

trabalho faz parte de um projeto que se completará com dois novos volumes dedicados, um a autores marxistas posteriores a Marx, e outro a destacados marxistas latino-americanos.

Trata-se de um projeto de fôlego que aguardamos com grande expectativa.

Inácio Neutzling